



CATEDRAL DA BAHIA, EM QUE SE CELEBRARAM AS EXEQUIAS DA RAINHA DE PORTUGAL.

C. M. L.  
 G. A. P. P.  
 DE ...  
 OLISIPONENSES

DAMOS n'este numero a vista do magestoso templo, em que se celebraram as exequias da senhora D. Maria II, de gloriosa e saudosissima memoria.

Não sae ella tão perfeita como desejáramos; não só porque, no impedimento de um desenhador mui habil, tivemos de recorrer a outro com menos pratica de semelhantes trabalhos; mas tambem em consequencia da pouca clareza dos daguerreotypos, que nos foram confiados, e insufficiencia do desenho, que tambem nos foi remettido; cousas que as explicações verbaes ou escriptas não podem supprir inteiramente.

Aproveitámos esta occasião para agradecer cordalmente aos nossos generosos compatriotas da Bahia a preferencia com que honraram o Panorama, escolhendo este semanario para n'elle se publicarem factos que tão alto testemunho prestam do seu acrisolado civismo e bizarría, verdadeiramente digna do antigo nome portuguez.

EMBAIXADA DE EL-REI D. MANUEL  
AO PAPA LEÃO X.

Il y avait des historiens qui fouillaient  
comme moi les archives du passé au  
milieu des ruines du présent.

CHATEAUBRIAND. ETUD. HIST.

HAVIA o papa recebido, pouco antes da audiencia de apresentação d'aquella embaixada, duas deputações muito menos apparatusas, mas que tambem deram boato por diversas circumstancias notadas no *Diario de Paris de Grassis*. Resolvendo os governos das republicas de Florença e de Sêna congratular-se com o novo pontifice pela sua exaltação ao throno, e nomeando o primeiro para chefe da sua missão a Bernardo Rucellai, que tendo occupado altos cargos, era muito parente e amigo intimo do pontifice; ao passo que o segundo d'aquelles governos escolhia para orgão da sua deputação um cidadão igualmente honrado, mas pouco versado nas etiquetas das côrtes, não quiz o *Sallustio florentino* (como ainda lhe chamam os italianos) aceitar o cargo que lhe fôra offerecido, por se não contradizer, louvando como orador um evento, que apesar das suas relações e conveniências, deplorára, como bom republico, e como annalista; em quanto o liso presidente da deputação Senense, que no dia da sua apresentação fizera esperar largo tempo o papa, por não apressar o passo estreito, em que vinham, não obstante as advertencias dos cursores mandados ao seu encontro, dava na sua falla, e não por desculpa, mas como razão justificada, o timbre que faziam de andar ao uso da sua terra. Por grande que seja a differença entre aquelles dous typos de representantes nacionaes de algum dia, é força confessar que ambos, na sua bem ou mal entendida, mas sincera e firme devoção á patria, não serviram de modelos a muitos, que em tempos posteriores se tem visto.

Dous dias depois da entrega dos presentes tiveram os embaixadores de Portugal uma audiencia privada do papa, na qual lhe expozeram os pontos que tinham missão de tratar na côrte de Roma. Tendo eu, no principio d'esta noticia, apontado dous, circumstanciados por Damião de Goes, historiadador coevo, e pelo auctor da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, cujas provas legalmente fazem fé; a saber: a *prosecução do concilio de Latrão*, onde se haviam remediar abusos introduzidos

na christandade, e a *liga offensiva e defensiva dos principes christãos contra os turcos*, cabe aqui observar que, ainda quando estes pontos, que o chronista de el-rei D. Manuel chama geraes, viessem tocados nas instrucções d'aquelles ministros, é bem de crer que, chegando elles a Roma quasi um anno depois da continuacão do concilio, ordenada por Leão X desde 6 de abril do anno antecedente, isto é, desde os primeiros dias do seu pontificado, e orientando-se tambem ali na questão da liga em que Roma tanto se empenhou, mas ainda verde, por estarem os principes que deviam confederar-se desavindos, e o turco, bem que vencedor, occupado em debellar os seus rivaes no Oriente, não fallassem n'um assumpto a que se lhe passára o tempo, nem tomassem o vão trabalho de entabolar formalmente uma negociação que annos depois teve logar, e não deixou de produzir effeito, mas que ainda então não podia ter cabimento: sendo de admirar que os dous escriptores que citei digam, um em 1566, e outro em 1737, que foram baldadas as diligencias dos legados de el-rei D. Manuel relativamente áquelles objectos. Ha occasiões em que os nossos antigos chronicistas de melhor nota põem o pé tanto em falso, como alguns estadistas modernos. Todos os negocios têm suas mares, que os homens politicos não devem errar para não vararem os seus baixéis. A necessidade de uma reforma no corpo do clero não carecia de demonstração; a execução porém de uma tão grave medida encontrava grandes embaraços e difficuldades, não tanto na nossa peninsula, e na italiana, como em França, na Inglaterra, e na Allemanha, que n'aquella occasião não era possivel vencer. Se em todos os tempos foi empreza ardua tirar abusos, e arrancar vicios arreigados com annos, confirmados com posse, e feitos quasi naturaes com o costume, como poderia a curia romana, sem se tirar do seu compasso, e sem perturbar a tão necessaria e tão periclitante paz, nem esfriar a união, atacar pela frente certas praticas, seguidas por uma grande parte de altas dignidades ecclesiasticas, e mantidas pela errada e emperrada politica dos gabinetes, bem que em opposição á antiga disciplina da Igreja? Quem era então capaz de unir para o melhor fim Maximiliano I, imperador de Allemanha, Luiz XII de França, e Henrique VIII de Inglaterra? Mas, se n'aquelles dous pontos de interesse geral, as circumstancias imperiosas jarretaram as esperanças do sr. D. Manuel, pede a razão e a curiosidade que eu passe a mostrar quanto Leão X se esmerou em satisfazer, no que dizia respeito aos negocios particulares de Portugal; aos desejos d'aquelle venturoso rei.

No rapido curso d'esta narraçãõ, em que o pensamento e a penna seguem tão velozmente, e com tanta ancia de chegar ao fim da viagem, como os que vão pelos caminhos de ferro, ou nos barcos a vapor, direi em poucas palavras o exito que tiveram as negociações em que Portugal era particularmente interessado.

Começando pela do padroado das igrejas do ultramar, a mais importante, mas nem se quer tocada de passagem pelos nossos chronistas, e que n'estes ultimos tempos foi thema de calorosas discussões parlamentares, e de polemicas de escriptores publicos, estabelecerei, em boa paz, a verdade dos factos nos documentos authenticos que todos indistinctamente por seu turno invocaram, e que eu ingenuamente confesso que se me não dera de aposta que mui pouca gente inteira e attentamente leu, como na epocha de que se trata succedeu a dous desafiados partidistas por fé do Ariosto e de Petrarca, e eu mes-

mo tive occasião de observar n'uma conferencia de diplomaticos (1).

Tendo Leão X, como se vê no 1.<sup>o</sup> e no 2.<sup>o</sup> paragrapho da primeira bulla que vou citar, recebido de João de Faria a instancia, por parte d'el-rei D. Manuel, para se impetrar aquelle padroado ou ampliação do antigo dado e confirmado por Nicolau V, Calixto III, e Xisto IV, á ordem de Christo, da qual aquelle principe, antes e depois de subir ao throno, foi mestre, ficando todas as possessões ultramarinas que elle abrangia sujeitas ao vigario de Thomar, prelado d'aquella religiosa e benemerita milicia; deferiu o papa áquelle pedido pelas letras apostolicas: *Dum Fidei Constantiam*, expedidas em 7 de junho de 1514, concedendo bem assim, e tambem a pedido da mesma corôa, pelas subsequentes bullas: *Pro Excellentia*, e *Præcelsæ Devotionis*, datadas de 13 de junho e de 3 de novembro do mesmo anno, uma segunda ampliação do referido padroado comprehendendo n'elle as terras mais recentemente descobertas pelos portuguezes, e todas as que elles houvessem de descobrir, pondo-as debaixo da auctoridade ecclesiastica dos bispos do Funchal.

D'esta breve narraçãõ se colhe, que no padroado das igrejas ultramarinas, impetrado em nome dos tres maiores amplificadores do imperio portuguez, por jurisconsultos que foram a honra da toga, e que, incorporado nas nossas leis, constitue uma das mais bellas regalias da corôa, se encerram, além do direito, que eu reputo temporal, d'aquelle padroado, attribuições que, pertencendo ao poder espirital, só pelo pontifice podiam ser outorgadas: e bem que este complexo de faculdades, a que estão inherentes obrigações reciprocas, possa cessar por accôrdo das partes, ou por effeito de uma variaçãõ de circumstancias, em quanto elle subsiste, deve ser respeitado.

Finalmente concedeu Leão X a el-rei D. Manuel pela bulla: *Providum Universalis Ecclesie*, de 29 de abril de 1514, as terças e dizimos das cathedraes, e mais igrejas e mosteiros, concessão de que aquelle monarca cedeu mediante a somma de cento e cinquenta e tres mil cruzados, que os prelados e mais ecclesiasticos se obrigaram a pagar em tres annos.

Em troca dos presentes que recebêra d'aquelle magnanimo principe mimoseou-o o papa com uma grandiosa chaminé, guarnecida de marmore branco, com figuras em relevo, obra completa no seu genero, e cuja fabrica alguem attribue a Buonarotti. N'esta chaminé, que estava no paço de Almeirim donde

(1) N'uma conferencia á que n'um dos ultimos dias de março de 1826, assisti na chancellaria de côrte e estado em Vienna d'Austria, e que tinha por objecto pôr as seis principaes potencias de accôrdo acerca da regencia instituida pelo senhor D. João VI pouco antes do seu fallecimento, fallaram muito e mui discordemente o ministro de Hespanha, e o embaixador d'Inglaterra; querendo o primeiro que pelas leis do estado a senhora D. Carlota Joaquina, rainha viuva, devia ser reconhecida como regente, e sustentando o segundo que a regencia collectiva estabelecida pelo ultimo soberano era a applicação da lei ao caso occorrente. Pedindo-me então o principe de Metternich, que desse a minha opinião a semelhante respeito, disse: *Que me parecia que aquella junta era incompetente para decidir quem devia ser regente em Portugal; mas que o que eu tinha por certo era, que nenhum dos srs. que haviam disputado tinha o mais leve conhecimento da lei de 23 de novembro de 1674, a unica applicavel ao caso de que se tratava.*

el-rei D. José a mandou trasladar para um dos camarins do paço de Cintra, e á qual se aqueceu o soberano afortunado, vi eu, já depois das nossas desgraças, aquecer ferros de engommar, e pannos da copa!

Houve quem cuidou, e até chegou a ser tradiçãõ quasi geral, que a famosa biblia em sete tomos, escriptos de penna em pergaminho fino com bellissimas vinhetas de diferentes côres, onde se vêem figuras allegoricas, e que el-rei D. Manuel por seu testamento doou ao extincto mosteiro de Belém, fóra tambem mimo de Leão X; mas o sr. abbade Castro, a quem o publico deve tantas e tão interessantes noticias relativas ás nossas antiguidades, deu na sua descripçãõ d'aquelle mosteiro razões mui plausiveis de duvidar d'aquella opiniãõ.

Tendo eu não menos fortes razões (já expendidas n'este artigo) para duvidar da offerta que D. Antonio Caetano de Sousa diz que Leão X fez a Tristão da Cunha, e que este recusou, do commando da armada que o mesmo incansavel escriptor souhou que então se estava preparando contra o Turco, que ainda não tinha segura a corôa, concluo aqui esta noticia, já mui extensa para ser inserida n'um periodico, que deve variar de assumptos para não enfatizar os leitores.

MARQUEZ DE REZENDE.

## SCENAS DE ESCRAVATURA.

### III.

#### SENHOR PRETO E SERVO BRANCO.

DUAS horas depois d'aquella em que deixamos o leitor, tão sem cerimonia, á porta da casa de jantar, no fim do anterior capitulo, estava o meu amigo R. e eu saboreando o nosso aromatico café, e, não sei como, a conversação veiu a recair de novo sobre a escravatura. Entre outras cousas, que menos me impressionaram, o meu hospede disse no tom amargo do homem que tem soffrido mil desenganos na vida:

— «Aposto que ainda não viste um escravo branco e de cabello corredio? És capaz de negar que exista!»

— «Tenho visto muitos,» respondi eu, «não só na Africa e na America, mas até mesmo na Europa.»

— «Como assim?...»

— «Açoutados como os negros, agrilhoados como elles... são os soldados e os marinheiros.»

— «Ora! não se trata d'isso; ahí vens já com as tuas idéas phylantropicas!... Quero mostrar-te um verdadeiro escravo, que a lei reconhece como tal, e que é branco, tão branco como tu; porém o mais notavel é ser elle servo de um preto.»

— «Um branco escravo de um negro!... É justo. Não têm sido tantos pretos escravos de brancos: a razão é a mesma. Vamos ver esse fenomeno.»

— «Logo que anouteça. Tu conheces o dono do pobre branco: é o commendador N... que, como sabes, é preto e bem preto, mas honrado homem.»

Passamos a fallar de outros objectos.

A's sete horas da tarde subiamos a uma carruagem de aluguel (que as ha no Rio de Janeiro superiores em luxo ás de qualquer cidade europêa) e partiamos ao galope de dois soberbos cavallos na direcção de *Bota-fogo*. D'ahi a poucos minutos estavamos á porta do commendador N...

Logo pelo vestibulo e escadaria se adivinhava o luxo das salas do sr. N... Elle, e suas duas filhas,

tambem pretas de ebano, receberam-nos em um elegante *drawingroom*, dando-nos não equivocadas mostras da mais apurada educação. Conversou-se por algum tempo acerca de varios objectos, depois as meninas tocaram piano e harpa com bastante destreza, tomaram-se os indispensaveis refrescos, e ao cabo de uma hora de visita, chegou a conversação, rolando de banalidade em banalidade, ao fim que ali nos conduzira: o escravo branco.

— «É verdade,» disse R. como se deparára de repente com uma idéa extraviada, «pode fazer-me o favor de mostrar a este meu amigo esse escravo, Simeão, de que fallou; quero que elle admire como se apura uma raça.»

— «Sem duvida... Chamem Simeão,» bradou o commendador. «Vae ver o resultado de uma singular mania de meu bisavô, herdada por seus netos até hoje.»

— «Eil-o ali,» disse R., vendo entrar na sala o escravo; «vê se differe de qualquer europeu.»

Com effeito, a minha surpresa foi extraordinaria. Havia recuado aos tempos feudaes, e tinha ante mim o servo de gleba, na sua triste realidade; ou transportára-me, sem o sentir, de um paiz livre como o Brazil para os dominios do autocrata! O escravo estava ali, com a alvura de um hespanhol, o cabello liso e castanho, olhos da mesma côr, mas fixos, embaciados, como sem vida; bellos dentes e beiços grossos, mas não trombudos á maneira dos negros; estatura regular. Trajava véstia e calças de chita de côres vivas e estranho matiz, porém estava descalço. Deveis comprehender que este espectáculo era bem doloroso para um homem branco, e inimigo da escravidão, mesmo dos negros, como eu o era e sou ainda! Eis-aqui como o *senhor* explicou o motivo da alvura do seu escravo:

— «Esteve, haverá cem annos, em Minas Geraes, um ouvidor, vindo da Europa, que era o modelo dos magistrados em integridade, mas que nem por isso alcançou as sympathias do povo, porque era homem de poucas fallas, e inimigo de visitas e cumprimentos; só um preto livre e mineiro, Gonçalo Dias, tinha accesso aos aposentos particulares do ouvidor; era elle quem tratava de todos os seus negocios, e talvez a unica pessoa de Villa Rica que vira um sorriso nos labios do magistrado. O odio da povoação creceu contra o seu juiz, quando viram que a predilecção d'elle para com meu bisavô chegava ao ponto de o visitar em sua casa... fazer a um negro o que não fazia aos brancos! Nunca perdoaram nem ao protector nem ao protegido! O preto Gonçalo Dias tinha uma escrava mulata, boa moça, appetitosa, e bem comportada; de pouco servia em casa, mas todos a estimavam. Nunca se lhe conhecêra inclinação amorosa, porém, seduzida talvez pela importancia do lugar do ouvidor, que pela belleza do homem não, pois diziam que era muito feio, fraquejou, como tantas depois de longas provas de virtude, e por fim meu bisavô, que fingia não perceber aquelles amores, achou-se com mais uma escrava em casa, uma filhinha da formosa mulata. O juiz nunca fallou em tal ao mineiro, e este não se atreveu a boquejar no assumpto; o povo porém, que sabe tudo, calumniou o velho preto, e cobria de vituperios, na ausencia, o bom do magistrado. Não era passado muito tempo sobre aquelle escandaloso successo, quando o ouvidor appareceu morto no leito, com uma apoplexia fulminante, e aberto o testamento achou-se meu bisavô nomeado seu universal herdeiro! A inveja deu novas forças ao odio popular contra o preto, e não houve remedio senão capitular. Com a herança do ministro, Gonçalo Dias podia conside-

rar-se rico, e abandonando Minas Geraes veio estabelecer-se no Rio de Janeiro. O velho era temente a Deus e grato ao finado; começou a parafusar como poderia honrar a memoria do ouvidor, e lembrou-lhe um extravagante alvitre: como elle não deixára filhos legitimos, e tão sómente aquella mulatinha, formosa sim, mas pouco clara e de carapinha, entendeu que devia tratar de dirigir a descendencia do ouvidor ao gremio da gente branca, calculando que seria possivel, ao cabo de algumas gerações, apresentar de novo a raça européa com toda a sua belleza convencional em um neto do magistrado. Proporcionou pois ao mais gentil mancebo de Portugal, que encontrou no Rio, a posse da gentil mulatinha filha do seu bemfeitor...»

— «Da mesma forma que o inglez apura uma raça de cavallos ou de galgos...»

— «Exactamente; as raças de escravos tambem se apuram; é por isso que muitos roceiros tem sempre escravos robustos, e poucas vezes compram d'essa fazenda.»

— «Cultivam-n'a nas suas terras; é muito melhor do que comprar-a!»

Eu ria, mas de um riso convulso, proferindo estas palavras, que me escaldavam os beiços; o bom do commendador achava tudo muito natural, só um pouco excentrico; o meu amigo R., creio que estava pensando em cousa muito differente; não dava attenção nenhuma á historia, que elle já sabia de côr, e a que provavelmente não ligava importancia.

N... continuou: «A pequena morreu de parto, dando á luz uma menina; e meu avô, que succedeu na casa a meu bisavô, não esqueceu a recommendação que o velho lhe fizera na hora da morte, e uniu a mulata ao portuguez mais branco que aportou ao Brazil. Resumindo, meu pae continuou o apuramento da raça, chegando a conseguir em sua vida que uma neta do ouvidor apparecesse sob a forma de uma crioula, côr morena e cabello corredio, e eu tenho o gosto de mostrar-lhes o seu filho unico, que, como vedes, parece europeu. Estão pois satisfeitos os desejos do velho Gonçalo Dias, e pode repousar em paz na sepultura. Agora o que lhe esqueceu, a elle, a seu filho, e a seu neto, é o que fará o seu bisneto... dar a liberdade ao descendente do homem livre. Simeão, vou dar-te a carta de alforria.»

— «Bravo commendador,» clamei eu; «é uma nobre acção essa!... Simeão, és livre; queres vir comigo para a Europa?»

— «É muito longe,» disse o servo com um riso alvar; «eu não quero deixar o *senhor*.»

— «Já não sou teu *senhor*. Podes ficar ou partir, como quizeres.»

— «Eu quero ficar com o *senhor*; sêmpre me tratou bem... que hei de eu ir procurar? Nada... fico.»

E foi recuando para um dos cantos da sala, como desconfiado de mim; talvez julgasse que eu o queria ir vender a outra terra... Tem-se visto d'isso! Continuei dirigindo-me ao commendador!

— «É pena!... mas a raça não se apurou, degenerou. O physico de um homem branco alcançou-se, mas a alma de um homem livre é que se não conseguiu. A escravidão transforma o homem... faz isso que ahi se vê!»

— «A culpa não é minha,» disse N...; «este homem nunca foi açoutado, nem soffreu genero algum de privação. De hoje ávante passa a ser meu hospede, vae andar calçado, e eu correrei com todas as despesas da sua manutenção... se se conservar solteiro.»

Simeão riu-se quando ouviu fallar no calçado; ter sapatos era um dos seus poucos desejos.

Despedimo-nos do commendador, e de suas filhas, e voltamos para o pavilhão do passeio publico, conversando ainda ácerca da estranha scena que tinhamos presenciado, e que, segundo dizem, é muito commum nos Estados Unidos . . . isto é, os escravos brancos, não os *senhores* pretos.

Passados dias encontrei Simeão de sobrecasaca, chapéu de palha, e bem calçado . . . ainda parecia um escravo quando roçava por algum d'aquelles pretos ou mulatos livres e artistas, que giram com tanto garbo e elegancia de vestuario, ao domingo, nas ruas do Rio de Janeiro.

(*Continúa.*)

F. M. BORDALO.

## A FAMILIA DO SENHOR CAPITÃO-MÓR.(1)

QUADROS DA VIDA DE PROVINCIA.

### I.

A's oito horas da noute, de uma terça feira, do mez de novembro, do anno de 184 . . . apeava-me, carregado de somno e lama, á porta do administrador do concelho da villa de . . . na provincia de Traz-os-Montes.

A cavalgadura, que, por um esforço sobrenatural me levára até ali, merece dous periodos de interduo n'um quadro descriptivo. Tendo servido com gloria na artilharia anglo-lusa do general Arantchild, fóra vendida em leilão por ordem de Beresford em 1814; e comprada por um juiz de fora, mau cavalleiro e optimo rabula, que logo conjecturára o gemitivo pacifico d'aquelle animal historico. Testemunha inoffensiva de mais d'uma acclamação, era impassivel ao ruido dos vivas e dos foguetes. No physico liam-se-lhe todos os symptomas d'uma grande gloria, e d'uma exemplar mansidão. Magra como um cão vadio; hirta como uma pde pindarica, soletravam-se-lhe nas costellas as estrophes, e as antistrophes de um grandioso poema. De côr duvidosa, nem o azul lhe queria mal nem o vermelho deixava de lhe condizer. Em epochas constitucionaes, podia bem ser o symbolo do *juste-milieu*. Mal com a sella por amor da albarda; mal com a albarda por amor da sella todos os arreios lhe serviam, e nenhum se lhe ajustava ao corpo. Pretendente infeliz, requeria sem lucro o ser filiada na arvore genealogica dos sendeiros, chorados e cantados por Nicolau Tolentino. Abreviemos-lhe a biographia. Fertil em antithesis, passára do judicial ao administrativo, sem uma lagrima, sem um queixume. Comprada em 1834, fizera relevantes serviços ao concelho de\*\*\*, servindo na posta por ordem do administrador. Diaphana, como a cambraia; tropega, como um socio da academia; passára para o poder d'um almocreve, fertil nas pragas, e mesquinho nos alimentos. Foi assim que eu a aluguei no Porto, e que cheguei á villa de\*\*\* na provincia de Traz-os-Montes, rezando o credo em cruz a algumas das mezuras mais pronunciadas d'aquelle contemporaneo do minuete da corte.

Com as costellas inteiras, dei entrada na administração do concelho. Apresentei a minha guia, e re-

queri que me dessem um bolêto por vinte e quatro horas. Passados cinco minutos, tinha o meu despacho em mão propria. Um terço de papel almasso que me entregaram, rezava assim — «A ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. A\*\*\* receberá em sua casa de bolêto o portador d'este, dando-lhe agua, sal e luz, conforme é do uso.» — Dirigi-me ancioso á rua indicada. O arreeiro abraçava-me cordealmente, dando-me os parabens, e affiançando-me que a familia do capitão-mór era a mais abastada da terra. Soube então, pela primeira vez, qual era a posição social dos meus patrões. Para matar o tempo, fui-lhe puxando pela lingua, e vim a saber os seguintes pormenores sobre a familia a que momentaneamente ia pertencer. A dona da casa era viuva de um capitão-mór, morto infelizmente sem necrologia, e apenas com uma curta menção official na gazeta de Lisboa. Morgado rico de provincia, lia com desembaraço a letra redonda; desprezava profundamente a arithmetica; passava por um optimo caçador de perdizes; e entretinha-se nas horas vagas, jogando a holla com todo o primor na cêrca dos extinctos padres congregados. Robusto como um athleta, e ignorante como um morgado, tinha sido em rapaz o idolo das feiras; depois já de homem feito, era antipoda de senso commum.

Entretinha-se em Lisboa na piedosa tarefa de dar cabo de alguns mil cruzados, quando o senhor D. João VI partiu para o Rio de Janeiro. Bom patriota, e inimigo figadal do Junot, confiou de Neptuno, o que não se atrevêra a confiar de Marte. No seu regresso a Portugal, era citado com enthusiasmo, como modêlo, pelos amadores de fogos de artificio. Nunca deixára de se confessar na quinta feira maior, nem de pôr luminarias com vidros de côr, no anniversario do feliz regresso de sua magestade fidelissima. As más linguas, a que nada escapa, diziam, que o bom do morgado festejava a propria vinda com editor responsavel. Se é mentira, por alma lhes preste. Em quanto ao mais, o morgado era forte em genealogia, estudo que aprendêra de ouvido; e bom conhecedor de cães de caça. Uma apoplexia fulminante poz termo a este complexo de prendas que o adornavam. Segundo me disseram, a vinva chorou lagrimas sentidas, e guardava ainda como reliquias do marido uma espada curva de dous gumes, e um polvarinho com filetes de ouro, que o sr. capitão-mór levára á caça, no dia em que, accommettido por um lobo, se vira em risco de não morrer na cama.

Assim informados demos entrada no palacio de sua excellentissima familia. Um creado velho annunciou a minha visita, levando-me o bolêto, como intimação competente. Passado pouco tempo, abriam-se-me as portas de par em par; e uma creada, typo das incansaveis narradoras de bruxarias nacionaes, dava comigo n'uma especie de sala, rodeada de colossaes azulejos, e ornada de quadros, em que o escuro das roupagens rivalisava com o pezado das molduras. Mandaram-me esperar, e esperei. Começava a enfasiar-me soffrivelmente d'aquelle solidão, quando me avisaram que ía ser admittido á presença das senhoras. Passando por uma especie de gabinete, dei a minha entrada triumphante na sala de honra. Os cumprimentos, de parte a parte, foram banaes como um artigo de fundo; e ôccos como as actas da nossa academia. Antes de nos embrenharmos no dialogo, convem desenhar rapidamente a sociedade aonde o acaso me levára. Aquella reunião symbolisava a provincia. A um cantó da sala, um padre, magro como um pamphleto economico, jogava evangelicamente as damas com um sujeito, vermelho como uma lagosta, e roliço como um recebedor de decimas. Ambos os parceiros eram homens de letras gordas.

(1) Por convenção celebrada com o auctor adquirimos a propriedade d'este lindo romance, que é o primeiro de uma serie de graciosos estudos sobre os costumes nacionaes, que ainda se acham ineditos.

O padre defendia a apparição de Christo em Campo de Ourique; e colligia escrupulosamente n'uma especie de album os inglorios fac-similes da familia do capitão-mór, de quem era ha muitos annos o director espiritual. O parceiro, era um antigo miliciano, reprehendido asperamente n'uma das ordens do dia do Beresford, por ser um prégador incansavel da paz-geral, com argumentos mal cabidos em tempos revoltos. Ouvia o padre como um oraculo; e ambos juntos justificavam um verso de Boileau bem conhecido. A dona da casa, a senhora morgada, como lhe chamavam na terra, era uma senhora verdadeiramente de outros tempos. Puritana em assumptos de nobiliarchia, não podia ver um barão, ou um conselheiro, cujos diplomas não fossem chancellados pela letra ingreme e farta do senhor D. João VI. Em politica, o seu thema favorito era o facto da independencia do Brasil, que a boa da senhora não podia levar a bem. Em religião e em moral, os seus theoremas eram concisos, mas arreigados, e indistinctiveis. Pugnava pelas confrarias religiosas com todo o vigor que lhe inspirára o confessionario. Em moral, tinha adoptado como divisa o epilogo dos dez mandamentos da lei de Deus. O physico era-lhe indefinivel como a concepção de um logographo.

Dera-lhe o céu tres filhos. Um rapaz, que estudava em Coimbra a maneira de annular os reis em proveito dos valetes, e o methodo mais facil de lograr Bezout, simplificando-lhe a arithmetica á regra de dividir. Depois de queimar por dous annos as pestanas n'estes difficeis estudos, conseguira que sua mãe odeiasse a universidade, quasi tanto como a carta de conselho. As filhas porém eram as suas dilações. A mais velha, menina de vinte annos, ardia em desejos de ver Lisboa; e conjecturava, que a vida se não devia passar entre quatro paredes, cantando — *«de saudades morrerem»* — ou lendo aos serões *«Mathilde ou os subterraneos»*. Bonita e cheia de espirito, o epigramma nascia-lhe feito e agudo como uma setta. Tinha o padre por um chapadissimo tolo, e odiava Arlineourt, menos que o peccado, mas quasi tanto como o opio. Respeitava a mãe, como boa filha que era, mas aspirava para o futuro com todo o desafogo de uma intelligencia elevada. A irmã mais nova só se lhe differenciava em ter ainda mais franqueza de genio, e gostar tambem menos do padre, que a sobrecarregara de penitencias, por ter uma vez ceiado a aza de um pombo, n'um dia de jejum, cinco minutos depois de ter dado a meia noite no relógio grande da casa. O resto da sociedade compunha-se de um antigo major reformado, homem de cinco ou seis appellidos todos campanudos, victima de uns poucos de ultimos acontecimentos, e commensal effectivo da casa. De uma velha, quasi macrôbia, antiga açafata da senhora D. Carlota Joaquina, triste como um mocho, e gulosa a não poder ser mais. Na algibeira direita, trazia sempre uma oração de exorcismo contra a cholera, approvada pelo bispo da diocese; e na esquerda, uma quarta de rebuçados de ovos, receita especial de um conserveiro italiano, que fornecera o pago durante quarenta annos, merecendo os sinceros applausos de todos os portadores de bullas da santa cruzada, e de todos os officiaes de ordenanças, a quem se concedia a honra de jantar com suas magestades nos dias grandes. Tres individuos, que iremos descrevendo no decurso d'esta narração, e que quando eu entrei jogavam o voltarete a meio real, completavam o quadro, que era apenas realçado pelas physionomias, frescas e juvenis, das duas raparigas.

Segundo o costume, a dona de casa começou por me exagerar os incommodos e privações, a que eu

ali me ía sujeitar. As obras deixaram-na por mentirosa. Ella a fallar, e um delicioso cheiro de varias iguarias a desmentir-lhe as palavras. O padre, impertigava-se e sentia-se outro; vi-o a ponto de defender a intemperança, argumentando com as copas e dispensas dos antigos conventos. Até me pareceu ver-lhe uma lagrima, ávida como a gula, deslizar-se-lhe pela face. O major lambia os beiços, e a velha açafata, extatica, como se tivesse diante de si um prato de trouxas de ovos, não proferia palavra. Um dos parceiros do voltarete acabava n'aquelle momento de repôr o bollo, por se ter achado com cartas de mais no fim da mão, e praguejava por entre os dentes, não sei se contra o jogo, se contra o estomago. As raparigas riam ás bandeiras despregadas, mas ás escondidas da mãe, que não queria por modo nenhum que fossem perturbadas as seraficas illusões do padre Francisco.

N'este intervallo contava eu á senhora morgada o estado ruim das estradas; os graves incommodos de atravessar o Marão no mez de novembro; e fazia um paralelo semi-poetico, semi-historico, entre a Estremadura, e a feliz provincia, que, tivera a honra de ser o berço, e o theatro das heroicas acções do sr. capitão-mór.

A viuva ouvia-me arrebatada de prazer; e as filhas não acreditavam nem meia palavra de todo o meu aranzel.

(Continúa.)

L. A. PALMEIRIM.

#### ESBOCETOS DA VIDA MILITAR.

#### VI.

#### O soldado obreiro.

#### PART E I.

Em harmonia com o fim, que levámos em vista, segundo annunciámos aos nossos leitores na introdução a estes esboçtos, qual é descrever o character militar debaixo das diversas relações em que é mister consideral-o com a sociedade, occupar-nos-hemos no presente quadro em demonstrar a verdadeira importancia da força armada com referencia aos principios da producção, sancionados pelos preceitos da economia politica, d'essa sciencia vital dos estados. As funcções do soldado em tempos de paz importam quasi uma sinecura: a sua manutenção torna-se mais dispendiosa para o estado; porque consome sem produzir. Esta verdade nos conduz á seguinte illação: que o soldado habituado ao trabalho pode alcançar os meios de uma producção futura, ou ao menos aquelles de a poder dirigir com acerto e prudencia. Se se aperfeiçoar em moralidade, em intelligencia, em saber e em força, bastante utilizará elle e a sociedade. Poderá accumular um capital immaterial, um valor social e real, que lhe sirva de base para a sua sustentação, quando regressar á vida civil. Mas em verdade nada d'isto vemos realisado; a desidia e a miseria são o traço mais caracteristico do seu viver, pelo que temos a abater, por exemplo, de seis annos de serviço, quatro, que debaixo do ponto de vista economico, olhamos em debito para com a sociedade; abstemo-nos de relatar aqui os funestos effectos da ociosidade do soldado nas casernas. Para que este pois não esqueça a pratica dos seus deveres de cidadão, ou não se

afaste d'elles, é de reconhecida utilidade, que trabalhe durante todo aquelle tempo, que não fôr consagrado especialmente á instrucção das armas, ao preciso repouso, e áquelles passatempos, que ordinariamente gosa a maioria dos cidadãos; em summa, que a sua existencia se aproxime o mais possivel do viver do artista, e que, como este, receba o seu salario e possa capitalisar. O trabalho contribue effizantemente para moralisar as classes inferiores da sociedade; sim o bom emprego do tempo vale a applicação de todas as virtudes.

Os soldados devem ser olhados em relação ao estado de desenvolvimento da moderna sociedade, como verdadeiros operarios ou trabalhadores destinados a reassumir, na volta do serviço, a posição honesta e laboriosa, que anteriormente tinham entre os demais agricultores e artistas. Importa pois que os cidadãos debaixo do serviço das armas possam continuar a pratica e estudo d'aquella arte, para a qual elles se achavam quasi formados antes do seu alistamento. Com effeito a sociedade deve ministrar-lhes aquella educação, que não puderam receber na pobre aldêa, ou logar do seu nascimento, ou nas fabricas e officinas d'onde vieram; devemos ensinar-lhes as artes da paz, não menos que a da guerra, pois quando o soldado assim desenvolvido e cultivado regressa aos seus lares, ou a qualquer logar onde se apreciem qualidades artisticas, poderá ser um excellente contramestre em algum ramo industrial, para que tiver mais aptidão, ou um bom instructor, ou ensaiador dos seus antigos companheiros de trabalho; sendo certo, que o homem laborioso e honrado, é sempre digno de ser estimado, qualquer que seja a posição em que se ache. Por isso as escolas regimentaes devem ser organisadas n'este sentido; é preciso mais, que sejam verdadeiras escolas, onde a theoria e a pratica, para assim dizer, dêem as mãos; ha certos ramos artisticos e especialidades mechanicas, que exigem um ensino mais seguido e aturado, permittindo aperfeiçoamentos indefinidos.

Vejâmos agora como os soldados podem ser empregados na execução dos grandes trabalhos de utilidade publica, como caminhos de ferro, encanamentos, etc. Mas antes de mostrarmos as vantagens da sua cooperação para o estado, é conveniente fazer conhecer que esta distracção temporaria das suas attribuições militares não é incompativel com os conhecimentos estrategicos, e com a defeza superior do paiz. A conservação nacional bem pode repousar no apoio prestado pelos cidadãos artistas, ou trabalhadores militares, cujo habito lhes trará a facilidade de passar da officina ao campo de Marte, do exercicio da charrua, e da plaina ao manejo da espada e da espingarda.

O trabalho e o movimento productivo, debaixo de qualquer forma que os consideremos, jámais enervam as qualidades physicas e moraes, antes pelo contrario esforçam, e fazem nascer prestantes brios. E se no fim d'este exercicio laborioso puderem contar com um fructo mais lisonjeiro, ou que lhes forneça um estado mais abastado, certamente que se constituirão homens corajosos, e robustos, zelosos da sua liberdade, e do poder ou engrandecimento da patria; quando o reverso d'este quadro de vida e actividade, será, fazendo ao mesmo tempo despertar em nós viva magua, a vista do soldado mutilado, ou do veterano, que tendo encanecido no serviço, e defeza d'aquella, lucta com a miseria e com a fome, verdadeiro epigramma para severa censura da auctoridade suprema.

O fim a que nos propomos, transformando os

soldados em trabalhadores militares, respeita os dous principios seguintes: 1.º Subtrahir quanto possivel um grande numero de cidadãos ás influencias antisociaes da vida da caserna, e aos excessos da obediencia passiva. 2.º Dar logar a um serviço muito mais economico, e mais conforme com os votos d'essa liberdade, que pôde ser permittida ao soldado, licenciando aquelles que se destinam aos trabalhos publicos, ou antes restituil-os ao trabalho livre, enviando-os aos proprios lares. Dada esta circumstancia, os directores das grandes empresas encontrarão com facilidade entre as classes de diversos operarios, comprehendendo-se tambem n'esta os soldados em reserva, crescido numero de trabalhadores diligentes. É innegavel, que a industria livre tem necessidade de braços: ora no plano, ou nas vistas mais amplas e generosas da organização do trabalho nacional, pode apropriar-se proficuamente a este fim o meio dos exercitos permanentes, para estabelecer o verdadeiro principio da associação, da unidade e solidariedade materiaes, que preparam a transformação da economia agricola, manufactora e commercial do estado no sentido dos novos principios. Com effeito nada ha mais progressivo, nem mais digno de ser protegido e animado com efficacia, do que a organização do exercito concebida por esta forma, que conduz ao verdadeiro espirito de associação, e de paz para a universalidade dos povos: por isso que a necessidade do trabalho traz indubitavelmente a necessidade da ordem e da economia.

J. C. DA SILVA.

#### INSTRUCÇÃO PUBLICA E DESENVOLVIMENTO INTELLECTUAL NA GRECIA.

O DESEJO de aprender é verdadeiramente caracteristico na Grecia. N'esta pequena nação se reconhecem os descendentes do povo que inventou as sciencias do occidente. A paixão das letras é ali comum a todas as classes da sociedade, como o prova o seguinte proverbio vulgar entre os paizanos da Moréa: « *Quem não conhece as letras, não é homem.* » Os aldeões de Eleusis sabem com muita particularidade tudo o que diz respeito a cursos academicos da universidade de Athenas. Um d'estes camponeses dizia: « *De boa mente gastaria eu tudo quanto possuísse com a educação de meus filhos, porque agora vejo que a instrucção é a cousa de que mais necessidade tinhamos. Nós outros não sabemos nada; é preciso porém que nossos filhos saibam.* » Outro facto mostrará ate onde chega hoje entre os gregos o desejo de aprender. Nunca existiu talvez um typo mais perfeito do heroe, que o singelo e robusto Canaris, aquelle intrepido marinheiro, que depois de encommendar a alma a Deus se metteu n'uma barca, e atravez de mil perigos foi amarrar tranquillamente o seu brulote á nau almirante da esquadra ottomana. Concluida a guerra, Canaris era um dos homens mais conspicuos da sua terra, e governador de uma praça forte; pois o que fez este homem n'aquella posição? Tendo de idade cincoenta annos, foi aprender a ler! Quando um tão vivo desejo de aprender se apodera de um povo, é impossivel que não se organise rapidamente um systema geral de instrucção. É o que tem succedido na Grecia. A relação do que n'este objecto ha feito depois da sua emancipação, o quadro exacto e completo do estado actual do ensino n'esta nação nova, merecem em nosso entender a attenção de todos os

homens que desejam a felicidade d'este povo e os progressos da civilização. Os elementos d'esta estatística da instrução publica na Grecia, foram colligidos e coordenados por um homem competentissimo, o sr. Constantino Schinas, ex-ministro da instrução publica, actualmente conselheiro de estado e cathedratico da universidade de Athenas, e um dos homens mais distinctos do seu paiz. Extrahiram-se os seguintes pormenores de um discurso proferido por elle, em allemão, perante a sociedade philologica de Ulm, em 1842.

As provincias, que constituem hoje o reino da Grecia, eram antes da revolução, de todas a que habita a raça hellenica, as mais desprovidas de escolas, e tambem as menos favorecidas debaixo do ponto de vista material. Com effeito, em quanto que a Thessalia, a Macedonia, Janina, na Albania, e na Thracia Constantinopla, e sobre as costas da Asia menor Smyrna e Sidonia; em quanto que as eidades situadas no interior da Anatolia, como Cesarea de Capadocia; em quanto que algumas cidades estrangeiras, onde residiam gregos por causa da emigração ou do commercio, taes como Bucharest, Jassy, Odessa, Veneza, Leorne e Trieste, possuíam boas escolas, professores distinctos, e até typographos e impressores gregos; o Peloponeso inteiro só tinha uma scola hellenica na qual se empregava o methodo de ensino abandonado já por toda a parte. Na Etolia e Acarnania existia apenas a escola de Missolonghi; uma só tambem na Grecia oriental, que era a de Athenas, e todas muito mediores.

Quando começou a grande lucta de 1821, os professores e discipulos na Grecia e fóra da Grecia desertaram das escolas para pegar em armas. Uma parte da corajosa mocidade que compunha o *batalhão sagrado*, succumbiu em Dragatscham, victima do mais generoso enthusiasmo. E tal era o ardor que arrastava ao combate todos os hellenos, que os que estavam á testa dos negocios publicos convidaram em nome da patria os jovens gregos, que estudavam em paizes estrangeiros, a que não abandonassem as escolas, afim de que restasse alguém para instruir o paiz depois de livre. Pensamento notavel e patriótico de um governo, que até mesmo luctando se mostrava já sollicito pela futura instrução de seus concidadãos; pensamento igualmente honroso para o governo, que se privava de braços promptos a defendel-o. Em taes circumstancias não se podia pensar em abrir escolas. Comtudo, foram tomadas algumas providencias pelo governo provisório em favor do ensino primario, e especialmente pelo fundador do ensino mutuo na Grecia, o sr. Kléobulos. Pelo que respeita ao ensino superior, um unico sabio, o sr. Gennadios, ao mesmo tempo que tomava parte na lucta das armas, permanecia fiel a suas funcções academicas. Ninguem exhortava os combatentes com mais energia que elle, ao passo que, quando as circumstancias o permittiam, não deixava de instruir a mocidade. Até depois da batalha de Navarino e da expulsão das tropas egypcias pelo exercito francez; ou até o reconhecimento do estado grego pelas grandes potencias, não se pode pensar seriamente na organização da instrução publica. Ainda então a attenção do presidente Capodistria estava distrahida por outros cuidados. Limitou-se durante a sua breve administração a estabelecer no Epiró uma escola central e um *asilo* para receber meninos que tivessem ficado orphãos por causa da guerra, e principalmente os orphãos resgatados da escravidão. Além d'isso creou mais de trinta escolas primarias, uma escola ecclesiastica em

Paros, e outra militar em Nauplia (Napoli de Romania). Este ultimo estabelecimento, admiravelmente dirigido pelo capitão de estado maior francez Panzier, tinha já obtido excellentes resultados sob a administração do presidente, isto é, no espaço de tres annos.

Mas estas escolas, mui insufficientes, se desorganizaram inteiramente em consequencia da penuria do thesouro publico, proveniente dos acontecimentos de 1831; de sorte que quando começou o governo real apenas existia um pequeno numero de mestres. Em parte alguma se encontrava uma escola util.

Logo depois da sua installação, em principios de 1833, o governo real estabeleceu em primeiro logar uma commissão encarregada de examinar o estado da instrução publica, e propor as reformas necessarias. Depois de haver consagrado uma somma consideravel, attendendo á epocha e ás circumstancias (50:000 drachmas) (1), para indemnizar os mestres, que tinham permanecido fieis á sua honrosa profissão em tão difficeis circumstancias, ordenou que de ahí por diante, á excepção de um pequeno numero de individuos que tinham adquirido, como mestres ou como sabios, incontestavel reputação, ninguem pudesse desempenhar as funcções do magisterio sem haver passado por um exame e obtido o respectivo diploma.

O novo systema de instrução publica devia compor-se de uma escola superior, dos gymnasios, das escolas hellenicas e das communs; porém era necessario pensar antes de tudo em formar mestres, e tendo-se observado que é mais difficil achar individuos com aptidão para o ensino primario que para o superior, era mais sensivel a urgencia de preparar bons mestres de instrução primaria. O governo creou com este intuito uma escola normal primaria; por certo uma das mais uteis instituições que tem fundado.

(Continúa.)

L.

EMBARCAÇÕES E PESSOAS EMPREGADAS NA PESCA MARITIMA E FLUVIAL EM PORTUGAL, NO ANNO DE 1853.

Districtos.	Embarcações.	Pessoas empregadas.
Aveiro.	382	7:717
Braga.	45	278
Castello Branco.	4	8
Coimbra.	100	2:027
Faro.	604	5:925
Funchal.	93	475
Horta.	196	1:213
Leiria.	125	1:240
Lisboa.	603	3:911
Ponta Delgada.	256	1:402
Portalegre.	2	"
Porto.	452	3:630
Santarem.	143	303
Vianna do Castello.	423	1:429
Villa Real.	2	6
	3:430	29:564

Classificação das embarcações: navios, 157, lanchas, 660; barcos, 1:839; aveiros, 303; botes, 335; abrangeis, 66; bateiras, 12; bateis, 51; cahiques, 7.

(1) A drachma e pouco menos de um franco, ou 160 réis aproximadamente.